



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

---

PORTO

*E SE EU FOR TESTEMUNHA DE  
CYBERBULLYING? UM ESTUDO  
EXPLORATÓRIO SOBRE SIGNIFICADOS,  
ENVOLVIMENTOS E ESTRATÉGIAS DE  
ADOLESCENTES.*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia  
- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

*Érica Ferreira Oliveira*

Porto, julho de 2019



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

---

PORTO

*E SE EU FOR TESTEMUNHA DE  
CYBERBULLYING? UM ESTUDO  
EXPLORATÓRIO SOBRE SIGNIFICADOS,  
ENVOLVIMENTOS E ESTRATÉGIAS DE  
ADOLESCENTES.*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia  
- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

*Érica Ferreira Oliveira*

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Prof.<sup>a</sup> Doutora Luísa Campos*

*Prof.<sup>a</sup> Doutora Lurdes Veríssimo*

Porto, julho de 2019

## Agradecimentos

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Doutora Luísa Campos e à Prof.<sup>a</sup> Doutora Lurdes Veríssimo, por terem sido, além de orientadoras excepcionais e sempre presentes ao longo de toda esta etapa, serem também duas profissionais que admiro muito e que fazem a diferença neste mundo que é a psicologia. Obrigada por toda a paciência e apoio!

À minha família, que me tem apoiado ao longo de toda a minha vida. Desde pequenina, com todas as minhas “aventuras”, a minha teimosia em doses exorbitantes e que só aprende com os seus próprios erros. Mas quero agradecer principalmente por estes últimos cinco anos, que tem sido sem dúvida os mais exigentes, mas também os mais gratificantes! Não há palavras que cheguem para agradecer tudo o que fizeram por mim. Obrigada por aceitarem cada imperfeição minha e por se orgulharem de todas as minhas conquistas. O amor e admiração por todos vocês é sincero.

Às amigas de uma vida, que mesmo que possam não durar uma eternidade, serão lembradas sempre! Inês e Ritinha, sentir que não estava a ser engolida sozinha foi crucial para a minha sobrevivência. Obrigada por terem partilhado as vossas dores e as vossas alegrias, como se fizessemos parte de um grupo de anónimos. Joana e Sofia, não há área que separe o sentimento de finalmente estarmos a “provar o sabor” daquilo que amamos, vocês são incríveis e eu adoro-vos! Ana, sempre fico de coração cheio ao pensar que tenho partilhado mais de metade da minha vida contigo e que, sem querer, temos seguido a mesma direção. Cada uma floreando-o com as suas memórias, as suas aprendizagens... E de mãos dadas!

E por fim a nove estrelas que, independentemente da distância, sinto que sempre estiveram ao meu lado, prontos a irradiar uma força e uma alegria nos momentos que parecia não dar para mais. É incrível como a vida nos dá os melhores presentes quando menos esperamos...

A todos os que tem feito parte da minha vida, o meu sincero Obrigada!

*“Throw away your fear, we can do it, it’s okay  
All the keys are in your possession”*

EXO

## Índice

I. Introdução .....	1
II. Enquadramento Teórico .....	2
III. Método .....	6
Participantes.....	6
Instrumentos .....	7
Procedimentos de Recolha de dados .....	8
Procedimentos de Análise de dados .....	8
IV. Apresentação e discussão dos resultados .....	9
V. Conclusões.....	14
VI. Referências Bibliográficas .....	16
Anexos.....	21
Anexo 1. Consentimento informado para os encarregados de educação dos participantes .	22
Anexo 2. Consentimento informado para os participantes.....	24
Anexo 3. Grelha de codificação .....	26

## Resumo

O cyberbullying é um fenómeno que originou-se pela mudança do paradigma atual nas interações sociais dos jovens, com o crescimento das novas tecnologias e a partilha de informações.

Apesar da temática do *cyberbullying* ser atual, verifica-se que poucos estudos têm explorado as testemunhas deste fenómeno. Neste sentido, o presente estudo pretende explorar a perceção dos adolescentes testemunhas de *cyberbullying* face aos acontecimentos que testemunham *online*, nomeadamente os significados atribuídos ao *cyberbullying*, assim como os tipos de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas.

Neste estudo exploratório foram realizadas entrevistas individuais a nove adolescentes, entre os 12 e os 14 anos, de ambos os sexos.

Os resultados mostram que os participantes atribuem um significado negativo ao *cyberbullying*, com implicações tanto na vítima como nas testemunhas. Relativamente ao seu tipo de envolvimento em situações de *cyberbullying*, tanto o envolvimento ativo como o envolvimento ambivalente foram os mais relatados, utilizando como principais estratégias o apoiar a vítima, e o pedir ajuda a adultos de referência.

É importante o papel destes intervenientes, e o desenvolvimento de programas de prevenção, no sentido de consciencializa-los acerca do *cyberbullying* e do impacto no bem-estar psicológico e emocional, pode aumentar a empatia destas testemunhas e leva-las a agir.

**Palavras-chave:** *Cyberbullying*, Adolescentes, Testemunhas, Envolvimento, Estratégias.

## **Abstrat**

Cyberbullying is a phenomenon that begun with youth's social interactions' present paradigm, the rise of new technologies and sharing information.

Although the discussion of cyberbullying is current, little research has been found regarding thewitnesses of this interaction. Therefore, the present study aims to explore the perceptions of cyberbullying teenage witnesses regarding what they saw online, namely meaning that they attributed to cyberbullying, as well as other types of involvement and their respective utilized strategies.

In this exploratory study, we interviewed nine participants individually, who were between the ages of 12 and 14 years old, of both sexes. The results show that the participants attribute a negative meaning towards cyberbullying, with implications towards the victim and the witnesses. Regarding their type of involvement in these types of situations, the most mentioned were active and ambivalent involvement and their main strategies they were showing support towards the victim and ask adults for help.

The roles from these witnesses are important and the development of prevention programmes with the aim of increasing awareness regarding cyberbullying and the impact on their psychological and emotional well-being, which can increase the witnesses' empathy, resulting in action.

**Keywords:** Cyberbullying, Adolescents, Witnesses, Involvement, Strategies.

## I. Introdução

O crescente acesso às novas tecnologias tem vindo a ser um tema de grande destaque não só entre os investigadores, como entre professores, pais e jovens, numa sociedade preocupada com os riscos que este fenómeno pode trazer para as gerações atuais (Amado, Matos, Pessoa, & Jager, 2009).

A comunicação eletrónica e a partilha de informações durante a última década alterou drasticamente as interações sociais e as escolhas de entretenimento dos jovens. Especificamente, na área das relações sociais, tem havido uma grande transformação graças ao acesso e uso crescente de ferramentas de comunicação eletrónica, como os *e-mails*, sites, mensagens instantâneas, salas de conversação, e as tradicionais redes sociais como o Facebook, Instagram, entre outras (Mishna, Saini, & Solomon, 2009). Estas rápidas mudanças tecnológicas com impacto nas relações sociais trazem alguns benefícios aos seus utilizadores, como o anonimato e um público potencialmente grande, compensando a falta de competências sociais em alguns jovens (Navarro, Larrañaga, & Yubero, 2018; Sourander et al., 2010). Mas, por outro lado, existe um aumento de possíveis experiências negativas de vitimação causadas pela particular natureza da internet (Pereira & Matos, 2015). Este novo meio de intimidação fez surgir uma nova forma de assédio aos jovens, o *cyberbullying* (Mishna et al., 2009).

Como ocorre em situações de *bullying*, o *cyberbullying* envolve três intervenientes diferentes: o agressor, a vítima e as testemunhas. Apesar da temática das novas tecnologias e do *cyberbullying* em específico ser atual, verifica-se que os estudos pouco têm explorado as testemunhas de *cyberbullying* (Sourander et al., 2010). Dado o baixo número de investigações a respeito deste tema, o desenvolvimento de novos estudos permitirão uma maior clarificação desta problemática, para, inclusive, facilitar a implementação de programas de prevenção do *cyberbullying* (Amado et al., 2009; Worthen, 2007).

Neste sentido, o presente estudo pretende explorar a perceção de adolescentes testemunhas de *cyberbullying* face aos acontecimentos que testemunham *online*. Este estudo está dividido em duas grandes secções: o enquadramento teórico e a apresentação e discussão dos resultados. Numa primeira parte, será apresentado um enquadramento teórico sobre a temática de *cyberbullying*, desde o papel que os meios de comunicação eletrónicos têm neste fenómeno, as principais características que o distinguem do *bullying*, os diferentes intervenientes envolvidos e o impacto que este fenómeno tem nos mesmos, assim como à sua prevalência. Numa segunda parte, será explicada a metodologia deste estudo e será apresentado e discutido os resultados emergidos, relacionando esses resultados com dados recolhidos de outros estudos. Por fim, será

apresentada as conclusões, pretendendo sumariar os principais resultados deste estudo, além de apresentar as principais limitações, implicações práticas e sugestões para estudos futuros.

## II. Enquadramento Teórico

Durante a década de 90, assistiu-se a um grande passo na evolução da tecnologia em Portugal, com o aparecimento da internet. Contudo, foi no início do século XXI que ocorreu um grande crescimento na sua utilização, dando origem a uma evolução tecnológica sem precedentes (Cruz, 2011). Este forte crescimento dos meios de comunicação eletrónica durante a última década alterou definitivamente as interações sociais, graças ao rápido crescimento das redes sociais (Mishna et al., 2009).

Num estudo europeu, *Eu Kids Online*, realizado em 2010, que envolveu 25 países europeus, e no qual participaram 1 000 crianças e jovens portugueses, dos nove aos 16 anos, e verificou-se que 53% dos adolescentes portugueses faziam uso diário da Internet (Haddon, Livingstone, Kids, & Network, 2012). Num outro estudo realizado, em seis países europeus, incluindo Portugal, *Net Children Go Mobile*, que envolveu 502 crianças, dos nove aos 16 anos, divulgou que o acesso à Internet, através de meios móveis, quase duplicou entre 2010 e 2014, e que, aproximadamente, 97% dos participantes tinham um perfil ativo numa rede social (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto, & Azevedo, 2014).

Uma vez que são os adolescentes, o público mais envolvido nesta evolução digital, uma vez que se encontram permanentemente ligados aos meios de comunicação eletrónicos, é importante compreender as particularidades desta fase desenvolvimental (Seixas, Fernandes, & Morais, 2017).

A adolescência é marcada por um período do desenvolvimento humano, no qual ocorrem grandes mudanças de ordem biológica, fisiológica e psicológica; trata-se de um período que marca na construção da identidade do adolescente (Guerreiro, 2013). A necessidade de autoafirmação e aceitação no grupo de pares e da grande preocupação com o que o adolescente aparenta ser na perceção dos outros, são outras das dimensões importantes nesta fase desenvolvimental e que pode ser potencializado pela interação e socialização digital (Auty & Elliott, 2001; Patchin & Hinduja, 2006). O uso das redes sociais pode favorecer o desenvolvimento do relacionamento interpessoal, do sentimento de pertença a uma comunidade, do estabelecimento e do reforço de laços sociais, da melhoria da autoestima, e até da obtenção de apoio social em situações de vulnerabilidade (Boyd, 2010; Kim & Lee, 2010).

Os adolescentes utilizam a internet para diversos fins, desde informativo, escolar, de comunicação, para uso participativo na rede, criação e partilha de conteúdos. No entanto, o uso que os jovens fazem nem sempre é devidamente monitorizado, conduzindo a uma maior vulnerabilidade e, muitas vezes, a uma nova forma de *bullying*: o *cyberbullying* (Cassidy, Brown, & Jackson, 2012; Simões et al., 2014).

O *cyberbullying* que se refere ao uso indevido das novas tecnologias para denegrir, humilhar e difamar uma ou mais pessoas (Pinheiro, 2009), encontra-se inevitavelmente relacionado com o *bullying* (Olweus, 1993), surgindo, muitas vezes, como uma continuação do mesmo. Porém é importante especificar as suas particularidades, uma vez que representa uma forma mais complexa de *bullying*. O *bullying* é definido como um abuso de poder, através de comportamentos negativos, intencionais e repetitivos, levando a um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor (Smith & Whitney, 1993). Os comportamentos englobam ataques físicos e verbais e perseguição direta à vítima por um ou mais indivíduos durante um longo período de tempo (Bauman, 2010; Olweus, 1993; Smith, 2011). Desenvolve-se maioritariamente em contexto presencial, ocorrendo face a face. Desta forma, a vítima conhece a identidade do agressor (Araújo & Caldeira, 2018). O *cyberbullying* surge assim, como uma nova forma de assédio digital (Buelga, Cava, Musitu, & Torralba, 2015), que utiliza o uso de meios de comunicação eletrónica como forma de levar a cabo comportamentos negativos, intencionais e repetitivos contra um indivíduo ou um grupo, com a intenção de causar dano (Smith et al., 2008; Williams & Guerra, 2007), sendo referido por alguns autores que, quanto maior a exposição à internet, maior o risco de envolvimento de *cyberbullying* (e.g., Heirman & Walrave, 2008)

Ao longo dos últimos oito anos, a prevalência do *cyberbullying* duplicou, sendo marcado pelo envolvimento desde cedo de crianças e jovens a esta realidade (Heirman & Walrave, 2008). Estudos indicam que é na faixa etária dos 13 aos 15 anos que se destaca o envolvimento dos jovens no *cyberbullying* (Ortega et al., 2012; Williams & Guerra, 2007).

O *cyberbullying* possui um conjunto de características muito específicas que o distinguem do modo tradicional de assédio. Ao contrário do *bullying* tradicional, que ocorre em tempo real e a vítima pode identificar o agressor, no *cyberbullying* a agressão atinge a vítima a qualquer momento, de forma indireta e, na maioria das vezes, com a identidade anónima do agressor, causando uma enorme ansiedade na vítima, uma vez que não se pode defender diretamente (Araújo & Caldeira, 2018; Holfeld, 2014). Além disso, o número de espetadores pode tornar-se ilimitado, uma vez que tudo o que é divulgado na internet torna-se viral e permanente (Araújo & Caldeira, 2018; Sourander et al., 2010).

Estes atos podem assumir-se em *vários tipos de agressões*, como manifestações de ódio (*flaming*), onde ocorrem confrontos *online* através do uso de mensagens eletrônicas com linguagem agressiva e vulgar e que pode incluir insultos ou ameaças; através de assédio (*harassment*), com o envio repetido e contínuo de mensagens ofensivas, e insultuosas; a difamação (*denigration*), em que difama-se a vítima ao enviar comentários depreciativos, criar rumores e até a criação de páginas dedicadas a insultar (Willard, 2007). Williard (2007) apresenta ainda mais formas de agressão, como a personificação (*impersonation*), que remete à entrada na conta da vítima, levando ao agressor enviar mensagens em nome da mesma, o revelar (*outing*), que é a partilha de informações ou imagens embaraçosas da vítima, assim como o enganar (*trickery*), convencendo a vítima a revelar segredos e depois partilhá-la *online*, a exclusão (*exclusion*), que é excluir a vítima de forma intencional de um grupo *online*, e até a cyberperseguição (*ciberstalking*), que é o envio repetido de mensagens que incluem ameaças físicas e intimidantes ou exercer atividades *online* que provocam medo e insegurança na vítima. Tal diversidade na tipologia de *cyberbullying* dificulta o conhecimento dos jovens de todos os riscos que podem correr e da própria compreensão deste conceito (Pereira & Matos, 2015). Por outro lado, os jovens também podem subestimar a magnitude do *cyberbullying* para que o medo da utilização das novas tecnologias seja menor, assim como não considerar determinados comportamentos de vitimação ou agressão para evitar consequências que pudessem estar associadas (Betts & Spenser, 2017; Holfeld & Leadbeater, 2015). Pelo facto do surgimento do *cyberbullying* ser ainda relativamente recente e pouco explorado, ainda é referido por muitos jovens como algo que não sabem como parar quando começa a ocorrer (Cruz, 2011; Sourander et al., 2010). As vítimas podem ser intimidadas e hostilizadas em qualquer lugar e a qualquer hora (Heirman & Walrave, 2008), uma vez que o *cyberbullying* pode ocorrer como uma continuação do *bullying* tradicional já existente em outros contextos (Tarabulus, Heiman, & Olenik-Shemesh, 2015). O *cyberbullying* tem um grande impacto psicológico na vivência destes adolescentes, sendo comum as vítimas evidenciarem sentimentos de pânico, insegurança, angústia, baixa autoestima, introversão, insucesso escolar e depressão (Patchin & Hinduja, 2006; Ponte & Cardoso, 2008). Além disso, sem a presença e supervisão de adultos, torna-se um grande desafio para os pais e educadores estarem atentos à ocorrência deste fenómeno na vida destes adolescentes.

Quanto às características dos agressores, 28% sentem indiferença e verifica-se que têm dificuldade em serem empáticos com as vítimas (Caetano, Freire, Simão, Martins, & Pessoa, 2016). Estes resultados ocorrem mesmo quando os agressores já foram vítimas de *cyberbullying*, evidenciando a necessidade de desenvolver a capacidade de compreender as

emoções dos outros e as suas próprias emoções, capacidade de resolução de conflitos, respeito, responsabilidade, entre outros (Caetano et al., 2016). A ausência de contacto face a face em momentos de *cyberbullying* torna o agressor menos ciente da reação da vítima e das suas consequências, minimizando o seu sentimento de remorso e culpa reforçando, assim, o seu comportamento (Figueiredo & Matos, 2017; Slonje & Smith, 2008; Sourander et al., 2010).

No que diz respeito às vítimas de *cyberbullying*, estas sentem tristeza, baixa autoestima, medo e vontade de vingança, e por outro temos os agressores que sentem satisfação e indiferença (Caetano et al., 2016; Patchin & Hinduja, 2011). A maioria destes espectadores permanece passivo quando testemunha o *cyberbullying* (Allison, Goethals, & Kramer, 2017; Bastiaensens et al., 2014; Tarablus et al., 2015). Num estudo português que envolveu 115 alunos do 5º ao 12º ano concluiu que 8,7% dos participantes já foram vítimas de *cyberbullying*, assim como 6,1% já foram agressores (Campos, 2009). O *cyberbullying* é uma realidade nacional, e não limita apenas a um fenómeno ocorrido nas zonas urbanas (Cruz, 2011). Registou-se um aumento de 3% de casos reportadas pelos jovens, nos últimos quatro anos, sobre situações problemáticas associadas ao uso da Internet (Haddon et al., 2012; Simões et al., 2014).

No caso das testemunhas, um estudo realizado com 2333 estudantes belgas, entre os nove e os dezasseis anos, concluiu que 58,6% destes intervenientes permanecia passivo (Bastiaensens et al., 2014), e num estudo realizado com 545 estudantes do ensino médio de Taiwan, também se observou que a inatividade era a resposta predominante (Huang & Chou, 2010). Estes valores foram semelhantes em outros estudos, com taxas entre os 50% e 90% de participantes sem intervir (Shultz, Heilman, & Hart, 2014). Esta passividade é particularmente preocupante, uma vez que estes espectadores podem até não tolerar o *bullying*, mas os agressores podem interpretar esta falta de intervenção como uma aprovação das suas ações (Bastiaensens et al., 2014).

Um estudo realizado com uma amostra representativa de jovens canadenses concluiu que 60% dos jovens, entre os 12 e os 18 anos relatam testemunhar *cyberbullying* (Li & Craig, 2015). Relativamente aos motivos dos jovens associados à perpetuação das ações de *cyberbullying*, a apoiar a vítima ou à não intervenção perante as ocorrências que testemunham (Heiman, Olenik-Shemesh, & Eden, 2015). Alguns estudos aprofundaram a investigação nestas questões e sugerem que o testemunhar passivamente *cyberbullying* pode levar a crenças de que essas ações são normativas (Kowalski, Giumetti, Schroeder, & Lattanner, 2014). Caldeira e Veiga (2011) afirmam ainda que as testemunhas muitas vezes permanecem passivas por duvidarem que

tenham algum poder para parar a agressão e por acreditarem que ao ajudarem a vítima podem torná-las num próximo alvo de assédio.

Considerando o reduzido número de investigações centradas nas testemunhas de *cyberbullying*, esta investigação pretende explorar a perceção de adolescentes testemunhas, de *cyberbullying*, relativamente ao tipo de envolvimento enquanto testemunhas, às razões para determinado tipo de envolvimento, bem como às estratégias utilizadas para lidar com situações de *cyberbullying* para, deste modo, aprofundar a compreensão relativa a este fenómeno e às experiências pessoais destes intervenientes.

### III. Método

Este estudo exploratório segue uma metodologia de cariz qualitativo e o seu objetivo centra-se na exploração das perceções de adolescentes testemunhas de *cyberbullying*, no sentido de aprofundar a compreensão relativa a este fenómeno e às experiências pessoais destes intervenientes. Assim sendo, procurou-se responder às seguintes questões de investigação: 1) Quais são os significados atribuídos por adolescentes ao *cyberbullying*? (2) Quais são os tipos de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas pelos adolescentes enquanto testemunhas?

#### Participantes

A presente investigação teve um processo de amostragem não probabilístico intencional, utilizando uma amostragem gradual teórica, com nove alunos, 5 participantes do sexo feminino e 4 participantes do sexo masculino. Foi considerado o critério de inclusão a idade, compreendida dos 12 aos 14 anos, uma vez que a literatura remete a uma maior prevalência de *cyberbullying*, nesta esta faixa etária, na população europeia (Ortega et al., 2012).

Na tabela 1 consta a caracterização sociodemográfica e do padrão de uso dos meios eletrónicos dos participantes.

**Tabela 1** Caracterização sociodemográfica e padrão de uso dos meios eletrónicos dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Ano de escolaridade	Meios de comunicação eletrónicos utilizados	Redes Sociais utilizadas
1	Feminino	12	7º Ano	Computador e telemóvel	Facebook e Instagram
2	Feminino	13	7º Ano	Computador e tablet	Facebook e Instagram
3	Masculino	13	8º Ano	Computador e telemóvel	Instagram e Whatsapp
4	Masculino	13	8º Ano	Computador e telemóvel	Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp

5	Feminino	14	8º Ano	Computador e telemóvel	Instagram, Twitter, Snapchat, Whatsapp e Youtube
6	Feminino	13	8º Ano	Computador, telemóvel e tablet	Instagram, Snapchat e Whatsapp
7	Feminino	14	8º Ano	Computador e telemóvel	Instagram, Twitter, Snapchat, TikTok e Youtube
8	Masculino	13	8º Ano	Computador e telemóvel	Instagram
9	Masculino	13	8º Ano	Computador e telemóvel e tablet	Facebook, Instagram, Snapchat e Whatsapp

## Instrumentos

Foi elaborado um guião de entrevista semiestruturado, baseado nas variáveis existentes no instrumento *Cyberbullying Questionnaire- CBQ* (Calvete, Orue, Estévez, Villardón, & Padilla, 2010). Este questionário foi desenvolvido para agressores de *cyberbullying* para identificar as seguintes dimensões: comportamentos mais predominantes, a sua frequência e o nível de participação (participação ativa ou colaborativa). A construção deste guião, teve por base as dimensões acima identificadas, tendo sido estas adaptadas para adolescentes testemunhas de *cyberbullying*. A primeira parte deste guião foi destinado à recolha de dados que permitissem identificar o padrão de uso das novas tecnologias e das redes sociais dos participantes. A segunda parte apoiou-se nas seguintes dimensões:

- *A dimensão dos significados atribuídos ao cyberbullying*, remetendo à primeira questão de investigação, passando pela exploração dos significados atribuídos por estes adolescentes ao *cyberbullying* e os comportamentos que associam a este fenómeno.
- *A dimensão dos tipos de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas pelos adolescentes enquanto testemunhas*, remetendo à segunda questão de investigação, explorando-se o tipo de envolvimento destes jovens em situações de *cyberbullying*, as estratégias utilizadas e o motivo que os leva a agirem desse modo.

Num primeiro momento, após a construção do guião de entrevista, foi testado com as investigadoras séniores do projeto, no sentido de se verificar a adequabilidade da linguagem e a condução da entrevista. Seguidamente, o instrumento foi melhorado, através de uma entrevista realizada a um jovem com as características do público-alvo deste estudo. Este último processo permitiu verificar se o guião de entrevista tinha as condições necessárias para ser utilizado, e após a realização das últimas alterações, ocorreu a finalização da construção deste guião.

## **Procedimentos de Recolha de dados**

A etapa seguinte passou pelo contacto a um contexto escolar onde seria realizada esta recolha de dados. Após a solicitação efetuada à direção da escola, e respetiva aceitação, procedeu-se à recolha das assinaturas dos consentimentos informados dos encarregados de educação ou representantes legais dos participantes, por se tratarem de participantes menores de idade (anexo 1). Antes da realização das entrevistas, foram ainda recolhidos os consentimentos informados destinados aos adolescentes participantes (anexo 2). Os consentimentos tiveram em consideração as questões éticas e deontológicas dos participantes, nomeadamente de anonimato e de confidencialidade, assim como a possibilidade de desistência sem dano. As entrevistas foram gravadas em formato áudio e, posteriormente, transcritas para formato Word.

A recolha de dados foi realizada num colégio privado, no norte do país, numa sala de aula, na qual foram asseguradas as questões de privacidade. Todas as entrevistas foram realizadas durante o mês de março e tiveram uma duração aproximada de 15 minutos. Quando a recolha de novas informações deixou de acrescentar diferenças substanciais ao que já tinha sido adquirido, ocorreu a saturação teórica, isto é, quando deixaram de emergir novos códigos ou categorias (Guerra, 2006).

## **Procedimentos de Análise de dados**

De acordo com o modelo construtivista, em que todos os dados são construções que refletem perspetivas, o processo de análise dos dados foi orientado pelos princípios da análise semi-indutiva.

O objetivo passou por analisar os significados, que foram aparecendo no decorrer das entrevistas, através de uma análise sistemática. Esta etapa iniciou-se com uma leitura flutuante de todas as entrevistas, facilitando a compreensão preliminar dos dados, e iniciando assim, o processo de codificação e de categorização. A unidade de análise escolhida foi a citação de ideias dos participantes. Numa primeira fase, foi selecionada uma transcrição, e realizou-se uma leitura aprofundada da mesma. A definição de unidades de categorização foi a fase seguinte, prosseguindo para a organização hierárquica das categorias, e a sua definição da grelha de codificação. Por fim, recorreu-se à aplicação do processo de categorização nas restantes transcrições. Esta última etapa, criou novas subcategorias resultantes das informações recolhidas nas entrevistas e uma reorganização da grelha de categorias (Saldaña, 2011).

## IV. Apresentação e discussão dos resultados

Neste ponto serão apresentados e discutidos os resultados seguindo a grelha de codificação (anexo 3) e a sequência das questões de investigação formuladas no presente estudo.

Durante a codificação das entrevistas, constatou-se a existência de quatro maiores categorias: comportamentos de *cyberbullying*, significados atribuídos pelos adolescentes ao *cyberbullying*, tipos de envolvimento e respetivas estratégias dos adolescentes enquanto testemunhas, e os motivos que levam aos adolescentes a ter determinado envolvimento. O processo codificação de dados e de criação de categorias deu-se de forma gradual, e foram-se gerando novas subcategorias sempre que surgiam novas informações.

Com o objetivo de obter uma leitura mais clara, as categorias de 1ª ordem serão apresentadas a **negrito** e as categorias de 2ª ordem serão apresentadas a sublinhado.

Neste grupo de participantes, emergiram discursos de cinco adolescentes que referiram já ter sido testemunhas de *cyberbullying* e de quatro que nunca o foram.

### *Significados atribuídos ao cyberbullying*

Na primeira categoria, **comportamentos de *cyberbullying***, teve a categoria de 2ª ordem ofensas mais referida por todos os participantes deste estudo (n= 9), seguida da difamação, que emergiu nos discursos de três dos cinco participantes testemunhas de *cyberbullying* (6 referências no total) [e.g. “*Havia um rapaz que tinha criado perfis falsos.*” P1F)]. O comportamento ameaças foi o terceiro mais relatado pelos adolescentes testemunhas (n= 3), e por dois dos quatro adolescentes não testemunhas. A revelação de conteúdos embaraçosos emergiu também nos discursos dos participantes testemunhas de *cyberbullying* (n= 2) e ainda nos participantes não testemunhas (n= 3) [e.g. “*convencem a pessoa a mandar fotos reveladoras*” (P6F)]. A personificação, por outro lado, emergiu mais nos discursos de quatro adolescentes não testemunhas de *cyberbullying* (n= 2), e apenas foi referido num participante que tenha testemunhado este fenómeno (n= 1). Com uma relevância menor, a ciberperseguição, foi referida por apenas um adolescente não testemunha de *cyberbullying*.

Os discursos de todos os participantes convergem com os comportamentos relatados por Williard (2007), sendo as ofensas o comportamento que emerge na totalidade (n=9) nos discursos dos participantes. Isto poderá ser justificado por se tratar do comportamento que os adolescentes mais associam e testemunham em situações de *cyberbullying*. Por outro lado, comportamentos que são referidos por Williard (2007), como o assédio, enganar (e.g. convencer a vítima a revelar segredos e depois partilhá-los *online*), e excluir a vítima

intencionalmente, mas que não emergiram nos discursos dos participantes, podem ser justificados por serem comportamentos menos predominantes em situações de *cyberbullying*, e conseqüentemente menos testemunhado. Também Smith, Mahdavi, Carvalho e Tippett (2006) enumeram também alguns comportamentos mais prevalentes de *cyberbullying*, como as mensagens insultuosas ou ameaçadoras, fotografias ou vídeos e que podem ser posteriormente utilizadas para ameaçar a vítima, e páginas nas quais se difama a vítima, publicando informações pessoais ou falsas acerca da mesma. Estes exemplos vão ao encontro dos discursos dos participantes [e.g. “*Podem mandar mensagens agressivas, ou convencem-na a enviar fotos dela e depois aquela pessoa subornava*” (P1F)].

Sobre os significados atribuídos por adolescentes ao *cyberbullying*, a categoria **impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas vítimas** foi a mais referida nos discursos dos adolescentes (n=8), sendo referido por quatro participantes que já testemunharam situações de *cyberbullying*. O **impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas testemunhas**, foi também referida pelos adolescentes que testemunharam *cyberbullying* (n= 2) e por um participante que não testemunhou situações de *cyberbullying*. A categoria **impacto positivo ao nível psicológico emocional e psicológico nos agressores** foi ainda referido por um participante testemunha de *cyberbullying* [e.g. “*fazemos mal a uma pessoa por diversão*” (P4M)]. Neste sentido, o significado mais relatado pelos participantes foi o impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas vítimas (n= 8), seguido da categoria do impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas testemunhas (n= 3) e o impacto positivo ao nível psicológico emocional e psicológico nos agressores (n= 1). Os participantes atribuem um significado negativo ao *cyberbullying*, com implicações tanto na vítima como nas testemunhas e ainda referem o impacto positivo nos agressores. Estes resultados são similares a estudos realizados anteriormente, que referem sobre os diferentes significados atribuídos pelos diferentes intervenientes, sendo relatadas emoções mais negativas pelas vítimas, e por outro lado os agressores destacam emoções positivas, como a satisfação e a diversão (Caetano et al., 2016). Sharp e Smith (1994) apontam também para o impacto negativo que as situações de *cyberbullying* tem para com as vítimas, estando estes associados a sentimentos de tristeza, infelicidade, e até culpabilização pela possibilidade de terem sido as próprias a desencadear esse tipo de situações. Este impacto afeta também o seu processo de aprendizagem e capacidade de concentração (Sharp & Smith, 1994). Congruente a estes dados, a categoria do impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas vítimas foi a mais referida ao longo dos discursos dos participantes (15 referências no total). Estes resultados podem estar associados à empatia destes adolescentes, uma vez tratar-se de um dos principais componentes para a intervenção

dos mesmos (Batanova, Espelage, & Rao, 2014). A componente cognitiva de empatia destes participantes, isto é, a sua capacidade de perceberem e reconhecerem os sentimentos da vítima (Allison, Goethals, & Kramer, 2017). Remetendo a outro resultado que emergiu, referente ao impacto negativo a nível emocional e psicológico nas testemunhas (n= 3), é possível relacionar para a componente afetiva da empatia destes adolescentes, que se traduz pela capacidade da testemunha compreender os sentimentos da vítima (Allison et al., 2017).

### ***Tipos de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas enquanto testemunhas de cyberbullying***

O tipo de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas pelos participantes foram exploradas de forma diferente na entrevista com os adolescentes que já testemunharam situações de *cyberbullying*, foi explorada a sua experiência pessoal; no caso dos adolescentes que nunca testemunharam situações de *cyberbullying*, foram criadas situações hipotéticas (e.g. “*Imagina que vias uma situação no Twitter, onde encontravas uma conta que foi criada no intuito de ofender uma pessoa, o que achas que podias fazer?*”). O tipo de envolvimento foi organizado em três categorias de 1ª ordem, o **envolvimento ativo** (n= 5), **envolvimento ambivalente** (n= 3), e **envolvimento passivo** (n= 1). Os discursos que remeteram a um **envolvimento ativo**, emergiu em dois de cinco adolescentes que testemunharam situações de *cyberbullying* (t= 2) e em três de quatro adolescentes que não testemunharam situações de *cyberbullying* (nt= 3). As estratégias mais referidas no discurso dos participantes com este tipo de envolvimento, passou por falar com a vítima, com a totalidade dos adolescentes testemunhas a identifica-la (t= 2), e apenas com a referência de um adolescente não testemunha (nt= 1). Por outro lado, falar com o agressor emergiu em apenas um participante testemunha (t= 1) e um adolescente não testemunha (nt= 1). Com uma relevância equivalente, encontrar o culpado foi também referido por um testemunha de *cyberbullying* e um não testemunha. Dos discursos dos participantes testemunhas de *cyberbullying*, denunciar nas redes sociais emergiu uma única vez (t= 1), e nos discursos dos participantes não testemunhas de *cyberbullying* emergiu falar com as testemunhas (nt= 1) [e.g. “*tentava ajudá-la a falar com as outras pessoas no sentido de desmentir o que viram*” (P8M)], e pedir ajuda a adultos de referência (n=1). Relativamente ao **envolvimento ambivalente**, que remete para diferentes tipos de envolvimento, dependendo do grau de proximidade com a vítima, este emergiu em dois de cinco adolescentes testemunhas de *cyberbullying* (t= 2) e a um de quatro adolescentes não testemunhas (nt= 1). Em casos sem grau de proximidade com a vítima, a única estratégia emergida foi a de não fazer nada, com a totalidade de participantes com envolvimento ambivalente a referirem-na nos seus discursos

(n= 3). No caso de situações com grau de proximidade com a vítima, emergiram as seguintes estratégias: falar com a vítima, a mais referida, com dois adolescentes testemunhas (t= 2) e um adolescente não testemunha de *cyberbullying* (nt= 1); pedir ajuda a adultos de referência, referido por um adolescente testemunha (t= 1) e um adolescente não testemunhas (nt= 1); e denunciar nas redes sociais, com um participante testemunha a referi-la no seu discurso (t= 1), e um participante não testemunha de *cyberbullying* (nt= 1). Também foi possível encontrar a estratégia de falar com o agressor no discurso de um adolescente testemunha de *cyberbullying* (t= 1). O **envolvimento passivo** foi referido apenas no discurso de um adolescente testemunha. No discurso dos participantes foi então possível encontrar o envolvimento ativo, emergido no discurso de dois jovens testemunhas, assim como o envolvimento ambivalente. Apenas uma testemunha de *cyberbullying* teve um envolvimento passivo.

Na categoria **motivos que levaram a ter determinado envolvimento**, o participante com envolvimento passivo justificou o seu envolvimento como sendo por justiça [e.g. “ela provocou as pessoas então teve o que merecia” (P5F)]. No envolvimento ambivalente, em situações sem grau de proximidade com a vítima, o motivo que mais emergiu foi a desvalorização, referido no discurso de dois adolescentes que testemunharam situações de *cyberbullying* (t= 2), seguida do motivo de não saber o que fazer, para os testemunhas de *cyberbullying* (n= 1) e não testemunhas de *cyberbullying* (n= 1). Nos casos com grau de proximidade com a vítima, os motivos que emergiram foram os valores morais, num adolescente testemunha (t= 1) e num adolescente não testemunha (nt= 1). No envolvimento ativo, os motivos passaram pelos valores morais (e.g. “*Isto é algo negativo e que deveria ser parado*” (P9M)], emergindo nos discursos de dois adolescentes testemunhas de *cyberbullying* (t= 2) e de três adolescentes não testemunhas de *cyberbullying* (nt= 3). A importância de aceitação das diferenças, foi outro motivo referido, apesar de ter uma menor relevância, emergindo no discurso de apenas um participante testemunha.

Relativamente ao tipo de envolvimento dos participantes, a existência de um participante que já testemunhou *cyberbullying* e que teve um envolvimento passivo, pode eventualmente explicar-se a partir da teoria do descomprometimento moral, em que as pessoas se descomprometem moralmente de situações que vão contra as suas convicções morais, através da externalização da sua responsabilidade ou a culpabilização da vítima naquela situação (Bandura, 2002). Também o efeito *bystander* pode estar associado, uma vez que a situação referida envolvia várias testemunhas, levando a uma menor probabilidade de alguma pessoa agir, e o efeito de grupo levar à difusão da responsabilidade, segundo esta teoria (Latané & Darley, 1969). Outro dado interessante, foi perceber que os envolvimentos dos adolescentes

iam variando tendo em conta o nível de proximidade que a testemunha tinha para com a vítima (n= 3). Isso pode estar associado à crença dos adolescentes de que têm menos formas de ajudar alguém que não lhes é próximo, aumentando a incerteza do poder que o mesmo tem nessa situação de *cyberbullying* (Caldeira & Veiga, 2011). Por outro lado, haver também um papel mais ativo dos mesmos em situações de proximidade com a vítima, e os participantes com envolvimento ativo, pode estar relacionado com os resultados apresentados sobre os significados atribuídos pelos adolescentes a este fenómeno, podendo estar esta empatia relacionada ao sentimento de responsabilidade pessoal e ajudar a pessoa a ter comportamentos altruístas (Fischer et al., 2011)

No caso das estratégias mais referidas nos discursos dos participantes com um envolvimento mais ativo, emergiu a procura de ajuda a adultos de referência (5 referências no total). Apesar de não ser a mais apresentada pelos adolescentes, é uma estratégia que foi sendo referida ao longo de vários discursos, correlacionando-se com alguns resultados existentes de outros estudos, que referem que os jovens recorrem normalmente a adultos quando experienciam problemas, com o intuito de procurar orientação e apoio (Hinduja & Patchin, 2009). Porém, é relatado que há jovens resistentes ao pedido de ajuda aos pais, em situações de *cyberbullying* (Hinduja & Patchin, 2009). Isto pode-se justificar pela crença dos adolescentes de que, se envolverem os pais, poderá haver o risco do próprio jovem ser afetado (e.g. restringirem-lhe a internet), ou se envolverem os professores, a situação será transmitida aos pais e terem receio da reação que os mesmos terão (Juvonen & Gross, 2008). Este foi um resultado interessante que emergiu nos discursos dos participantes, uma vez que é possível verificar o importante papel que estas testemunhas podem ter na sensibilização às vítimas, do claro apoio que pais e outros adultos de referência podem ter nestas situações.

Por outro lado, a estratégia de falar com as vítimas, no sentido de lhes dar apoio e dar estratégias que possam usar para lidar com a sua situação de *cyberbullying* foi a mais apresentada pelos adolescentes (8 referencias no total), podendo surgir como uma forma que os adolescentes encontraram de ajudar a vítima sem se sentirem expostos e minimizar as suas crenças de que poderiam ser o próximo alvo de *cyberbullying* por ajudar as vítimas (Caldeira & Veiga, 2011). Também pode estar associado às questões desenvolvimentais dos adolescentes, em que o seu papel social ganha maior relevância, e a necessidade de aceitação entre pares é importante, podendo este tipo de envolvimento menos expositivo ser a estratégia que os adolescente se sentem mais confortáveis em intervir ativamente neste fenómeno (Hoorn, Dijk, Meuwese, Rieffe, & Crone, 2016). Além de falar com a vítima, estratégias como falar com o agressor e com as testemunhas, remetem a ações mais expositivas. A investigação demonstra

que o papel ativo de testemunhas, que defendam *online* de forma adequada, determina a forma como a vítima reagirá a situações de *cyberbullying*, podendo sentir-se menos vitimizada (Willard, 2007).

## V. Conclusões

Foi possível verificar no presente estudo, que os adolescentes associam o *cyberbullying* a um impacto emocional negativo tanto nas vítimas como nas testemunhas. Relativamente aos tipos de envolvimento mais prevalentes nas testemunhas de *cyberbullying*, o envolvimento ativo e o envolvimento ambivalente tiveram um maior destaque. No caso das estratégias mais utilizadas passou pela procura de ajuda a adultos de referência e pelo apoio à vítima.

Dadas às características particulares do contexto escolar onde estes participantes estudavam, a utilização de redes sociais era mais reduzida, podendo ter diminuído o contacto destes adolescentes a mais experiências pessoais associadas a este fenómeno. Como tal, pode ser pertinente explorar se verificasse diferenças na frequência com que os adolescentes podem testemunhar situações de *cyberbullying*, tendo em conta as particularidades dos contextos escolares, como por exemplo, na restrição da utilização de telemóveis. Também pode ser interessante investigar-se sobre a mediação parental destes jovens, e ainda, estudar-se sobre as possíveis diferenças no envolvimento e nos significados atribuídos a este fenómeno, tendo em conta o sexo das testemunhas.

Este estudo permitiu uma maior compreensão das perceções que os adolescentes têm sobre o fenómeno do *cyberbullying*, dos significados, do tipo de envolvimento mais prevalente e as estratégias que costumam utilizar. Nesse sentido, este estudo pode ter implicações práticas na promoção da literacia sobre o *cyberbullying* e coesão grupal, no sentido de aumentar a empatia destas testemunhas e leva-las a agir, uma vez que elevados níveis de empatia, estão associados ao seu envolvimento ativo.

O importante papel que as testemunhas têm neste fenómeno deve ser sensibilizado aos adolescentes, no sentido de os sensibilizar para a prevenção de situações de *cyberbullying*, através de literacia sobre esta temática, de como podem denunciar estas situações e as ferramentas que tem ao seu alcance. Isto pode ser possível através de programas de prevenção, onde se consciencializa este público acerca do *cyberbullying* e do seu impacto no bem-estar psicológico e emocional de crianças e adolescentes (Whitaker, & Bushman, 2009; Worthen, 2007). Além disto ainda se pode envolver os pais nesta prevenção, no sentido de lhes partilhar

estratégias que eles possam adotar, desde falar com os filhos acerca de limites, expectativas e precauções (Coloroso, 2005).

## VI. Referências Bibliográficas

- Allison, S. T., Goethals, G. R., & Kramer, R. M. (2017). *Handbook of Heroism and Heroic Leadership* (E. FiSH Books Ltd, Ed.).
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jager, T. (2009). Cyberbullying : Um Desafio À Investigação e à Formação. *Interações*, 326(13), 301–326.
- Araújo, J. D. O., & Caldeira, M. do R. (2018). Bullying e Cyberbullying: Ameaça ao bem-estar físico e mental dos adolescentes Bullying and Cyberbullying: A threat to adolescents' health and wellbeing Maria do Rosário Caldeira Agrupamento de Escolas Miguel Torga-Bragança. *Revista Júnior de Investigação*, 5(1), 6–11. Retrieved from <https://www.publico.pt/2017/11/01/sociedade/noticia/portugal-teve-mais-relatos-de--do-que-os-eua->
- Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101–119. <https://doi.org/10.1080/0305724022014322>
- Bastiaensens, S., Vandebosch, H., Poels, K., Van Cleemput, K., Desmet, A., & De Bourdeaudhuij, I. (2014). Cyberbullying on social network sites. An experimental study into bystanders' behavioural intentions to help the victim or reinforce the bully. *Computers in Human Behavior*, 31(1), 259–271. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.10.036>
- Batanova, M., Espelage, D. L., & Rao, M. A. (2014). Early adolescents' willingness to intervene: What roles do attributions, affect, coping, and self-reported victimization play? *Journal of School Psychology*, 52(3), 279–293. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2014.02.001>
- Bauman, S. (2010). Cyberbullying in a rural intermediate school: An exploratory study. *Journal of Early Adolescence*, 30(6), 803–833. <https://doi.org/10.1177/0272431609350927>
- Betts, L. R., & Spenser, K. A. (2017). Developing the Cyber Victimization Experiences and Cyberbullying Behaviors Scales. *Journal of Genetic Psychology*, 178(3), 147–164. <https://doi.org/10.1080/00221325.2017.1295222>
- Buelga, S., Cava, M. J., Musitu, G., & Torralba, E. (2015). *Interactive Technology and Smart Education Article information: Users who downloaded this article also downloaded :*
- Caetano, A. P., Freire, I., Simão, A. M. V., Martins, M. J. D., & Pessoa, M. T. (2016).

Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. *Educação e Pesquisa*, 42(1), 199–212. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201603138125>

Caldeira, S. N., & Veiga, F. H. (2011). *Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito* (F. de Século, Ed.).

Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L., & Padilla, P. (2010). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 1128–1135. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>

Campos, M. (2009). *O cyberbullying: natureza e ocorrência em contexto português* (Insituto Universitário de Lisboa). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10071/1884>

Cassidy, W., Brown, K., & Jackson, M. (2012). “Under the radar”: Educators and cyberbullying in schools. *School Psychology International*, 33(5), 520–532. <https://doi.org/10.1177/0143034312445245>

Cruz, A. C. C. (2011). *O cyberbullying no contexto português*. Universidade de Lisboa.

Figueiredo, F., & Matos, A. (2017). Agressão Apoiada Pelas Tecnologias : *Interações*, 150(45), 119–150. Retrieved from <https://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=AGRESSÃO+APOIADA+PELAS+TECNOLOGIAS:+O+CYBERBULLYING+E+O+AUTO+CYBERBULLYING+Felícia&spell=1&sa=X&ved=0ahUKEwi94YD3kJPfAhXkSxUIHYjSB9IQBQgpKAA&biw=1366&bih=501>

Fischer, P., Greitemeyer, T., Kastenmuller, A., Krueger, J. I., Vogrincic, C., & Frey, D. (2011). The bystander-effect: A meta-analytic review on bystander intervention in dangerous and non-dangerous emergencies. *Psychological Bulletin*, 137(4), 517–537. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1037/a0023304>

Guerreiro, D. F. (2013). *Comportamentos autolesivos em adolescentes*. Universidade de Lisboa.

Haddon, L., Livingstone, S., Kids, E. U., & Network, O. (2012). *EU Kids Online: National perspectives This report* (pp. 1–73). pp. 1–73. Retrieved from [www.eukidsonline.net](http://www.eukidsonline.net)

Heiman, T., Olenik-Shemesh, D., & Eden, S. (2015). Cyberbullying involvement among students with ADHD: relation to loneliness, self-efficacy and social support. *European Journal of Special Needs Education*, 30(1), 15–29.

<https://doi.org/10.1080/08856257.2014.943562>

Holfeld, B. (2014). Perceptions and attributions of bystanders to cyber bullying. *Computers in Human Behavior*, 38, 1–7. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.05.012>

Holfeld, B., & Leadbeater, B. J. (2015). The Nature and Frequency of Cyber Bullying Behaviors and Victimization Experiences in Young Canadian Children. *Canadian Journal of School Psychology*, 30(2), 116–135. <https://doi.org/10.1177/0829573514556853>

Hoorn, J. V., Dijk, E. V., Meuwese, R., Rieffe, C., & Crone, E. A. (2016). Peer Influence on Prosocial Behavior in Adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 26(1), 90–100. <https://doi.org/10.1111/jora.12173>

Huang, Y. Y., & Chou, C. (2010). An analysis of multiple factors of cyberbullying among junior high school students in Taiwan. *Computers in Human Behavior*, 26(6), 1581–1590. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.06.005>

Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? - Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496–505. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2008.00335.x>

Kim, J., & Lee, J.-E. R. (2010). The Facebook Paths to Happiness: Effects of the Number of Facebook Friends and Self-Presentation on Subjective Well-Being. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(6), 359–364. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0374>

Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: a critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073–1137. <https://doi.org/10.1037/a0035618>

Latané, B., & Darley, J. M. (1969). BYSTANDER " APATHY ". *American Scientist*, 57(2), 244–268.

Mishna, F., Saini, M., & Solomon, S. (2009). Ongoing and online: Children and youth's perceptions of cyber bullying. *Children and Youth Services Review*, 31(12), 1222–1228. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2009.05.004>

Navarro, R., Larrañaga, E., & Yubero, S. (2018). Differences between Preadolescent Victims and Non-Victims of Cyberbullying in Cyber-Relationship Motives and Coping

Strategies for Handling Problems with Peers. *Current Psychology*, 37(1), 116–127.  
<https://doi.org/10.1007/s12144-016-9495-2>

Ortega, R., Elipe, P., Mora-Merchán, J. A., Genta, M. L., Brighi, A., Guarini, A., ... Tippett, N. (2012). The Emotional Impact of Bullying and Cyberbullying on Victims: A European Cross-National Study. *Aggressive Behavior*, 38(5), 342–356.  
<https://doi.org/10.1002/ab.21440>

Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies Move Beyond the Schoolyard: A Preliminary Look at Cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148–169.  
<https://doi.org/10.1177/1541204006286288>

Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2011). Traditional and nontraditional bullying among youth: A test of general strain theory. *Youth and Society*, 43(2), 727–751.  
<https://doi.org/10.1177/0044118X10366951>

Pereira, F., & Matos, M. (2015). Cyberstalking entre adolescentes: uma nova forma de assédio e perseguição? *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(1), 57–69.  
<https://doi.org/10.15309/15psd160207>

Pinheiro, L. de O. (2009). *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica* (Universidade do Minho). Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>

Ponte, C., & Cardoso, D. (2008). *Explorando perfis de vulnerabilidade para uma sensibilização do risco . Contributos do Projecto EU Kids Online .*

Seixas, S. R., Fernandes, L., & Morais, T. (2017). Bullying e cyberbullying em idade escolar. *Revista de Estudos Universitários - REU*, 42(2), 375.  
<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2016v42n2p375-393>

Shultz, E., Heilman, R., & Hart, K. J. (2014). Cyber-bullying: An exploration of bystander behavior and motivation. *Cyberpsychology*, 8(4).  
<https://doi.org/10.5817/CP2014-4-3>

Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J., & Azevedo, C. (2014). *Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile.*

Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?:

Personality and Social Sciences. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147–154.  
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x>

Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 49(4), 376–385.  
<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>

Smith, P. K., & Whitney, I. (1993). A survey of the Nature and Extent of Bullying in Junior/Middle and Secondary Schools. *Educational Research*, 35(1), 3–25. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0013188930350101>

Sourander, A., Brunstein Klomek, A., Ikonen, M., Lindroos, J., Luntamo, T., Koskelainen, M., ... Helenius, H. (2010). Psychosocial Risk Factors Associated With Cyberbullying Among Adolescents. *Archives of General Psychiatry*, 67(7), 720.  
<https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2010.79>

Tarablus, T., Heiman, T., & Olenik-Shemesh, D. (2015). Cyber Bullying among Teenagers in Israel: An Examination of Cyber Bullying, Traditional Bullying, and Socioemotional Functioning. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 24(6), 707–720. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1049763>

Williams, K. R., & Guerra, N. G. (2007). Prevalence and Predictors of Internet Bullying. *Journal of Adolescent Health*, 41(6 SUPPL.), 14–21.  
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.08.018>

Worthen, M. R. (2007). Education Policy Implications from the Expert Panel on Electronic Media and Youth Violence. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), 61–63.  
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2007.09.009>

# Anexos



## MEDIA ACTIVITY PROJECT PORTUGAL

No âmbito do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa - Porto, está em desenvolvimento um projeto que procura explorar os *potenciais efeitos positivos e negativos da utilização de meios de comunicação eletrónicos por crianças e jovens.*

Para atingir o objetivo do estudo, é importante percebermos como os jovens utilizam os meios de comunicação eletrónicos e as redes sociais.

Assim, solicitamos a sua fundamental colaboração no sentido de autorizar o(a) seu(sua) educando(a) a participar neste estudo, através de uma entrevista centrada na temática anteriormente referida. A entrevista será gravada em áudio, sendo os dados recolhidos anónimos e confidenciais. Todos os participantes têm o direito de recusar a participação ou desistir da mesma a qualquer momento, sem qualquer consequência.

Para qualquer esclarecimento contacte, por favor, os investigadores Pedro Dias ([pdias@porto.ucp.pt](mailto:pdias@porto.ucp.pt)), Luísa Campos ([mcampos@porto.ucp.pt](mailto:mcampos@porto.ucp.pt)), Lurdes Veríssimo ([lverissimo@porto.ucp.pt](mailto:lverissimo@porto.ucp.pt)), ou Patrícia Oliveira Silva ([posilva@porto.ucp.pt](mailto:posilva@porto.ucp.pt)).

## **MEDIA ACTIVITY PROJECT PORTUGAL**

### **CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, abaixo-assinado, compreendi a explicação que me foi dada sobre este estudo, bem como em que consiste a participação do(a) meu(minha) educando(a):

*Participar numa entrevista, que será gravada, centrada na forma como os jovens utilizam os meios de comunicação eletrónicos e as redes sociais.*

Foi-me assegurado que os dados recolhidos são totalmente anónimos e confidenciais.

Foi-me dada oportunidade de esclarecer possíveis dúvidas sobre o estudo em questão.

Além disso, foi-me afirmado que o(a) meu(minha) educando(a) tem o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo.

Por isso, consinto que o(a) meu(minha) educando(a) participe no mesmo.

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / 2019

---

(Assinatura)

## Anexo 2. Consentimento informado para os participantes



### MEDIA ACTIVITY PROJECT PORTUGAL

No âmbito do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa - Porto, está em desenvolvimento um projeto que procura estudar *os potenciais efeitos positivos e negativos da utilização de meios de comunicação eletrónicos por crianças e jovens.*

Para atingir o objetivo do estudo, é importante percebermos como os jovens utilizam os meios de comunicação eletrónicos e as redes sociais.

Solicitamos a tua colaboração para participar numa entrevista, que será gravada, centrada na forma como utilizas os meios de comunicação eletrónicos (por exemplo: como utilizas as redes sociais, etc.).

Os dados recolhidos neste estudo são anónimos (ou seja, não é possível identificar quem respondeu ao questionário) e confidenciais (ou seja, as respostas de quem participar nunca serão analisadas individualmente).

Todos os participantes têm o direito de recusar a participação ou desistir da mesma a qualquer momento, sem qualquer consequência.

Para qualquer esclarecimento contacta, por favor, os investigadores Pedro Dias ([pdias@porto.ucp.pt](mailto:pdias@porto.ucp.pt)), Luísa Campos ([mcampos@porto.ucp.pt](mailto:mcampos@porto.ucp.pt)), Lurdes Veríssimo ([lverissimo@porto.ucp.pt](mailto:lverissimo@porto.ucp.pt)), ou Patrícia Oliveira-Silva ([posilva@porto.ucp.pt](mailto:posilva@porto.ucp.pt)).

## MEDIA ACTIVITY PROJECT PORTUGAL

### CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, abaixo-assinado, compreendi a explicação que me foi dada sobre este estudo, bem como em que consiste a minha participação no mesmo:

*Participar numa entrevista, que será gravada, centrada na forma como os jovens utilizam os meios de comunicação eletrónicos e as redes sociais.*

Foi-me assegurado que os dados recolhidos são totalmente anónimos e confidenciais.

Foi-me dada oportunidade de esclarecer possíveis dúvidas sobre o estudo em questão.

Além disso, foi-me afirmado tenho o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer consequência para mim.

Por isso, aceito participar no presente estudo.

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / 2019

---

(Assinatura)

### Anexo 3. Grelha de codificação

Categories	Description	Quotations testimonies	Sources	Ref.	Quotations non testimonies	Sources	Ref.
<b>1. Significados atribuídos ao <i>cyberbullying</i></b>	Codifica discursos dos adolescentes referentes aos significados atribuídos por adolescentes ao <i>cyberbullying</i>						
<b>1.1. Comportamentos de <i>cyberbullying</i></b>	Codifica discursos dos adolescentes referentes aos comportamentos testemunhados de <i>cyberbullying</i>						
1.1.1. Ofensas	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos à existência de ofensas	“mensagens agressivas” (P3F)	P1F P3F P4M P5F P7F	5	“gozar com a maneira de ser das pessoas” (P6F)	P2F P6F P8M P9M	4
1.1.2. Difamação	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos à criação de perfis falsos e criação de rumores	“havia um rapaz que tinha criado perfis falsos” (P1F), “às vezes há coisas falsas, nota-se logo que são notícias falsas” (P1F)	P1F P4M P7F	6			
1.1.3. Ameaças	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos à existência de ameaças/chantagens	“e depois aquela pessoa a subornava” (P1F)	P1F P3F P4M	3	“e eles arranjam uma forma de os chantagear” (P2F)	P2F P6F	2
1.1.4. Revelação de conteúdos embaraçosos	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos à partilha de informações ou imagens embaraçosas da vítima	“conseguem que lhe mandem fotos delas” (P7F)	P1F P7F	2	“convencem a pessoa a mandar fotos reveladoras” (P6F)	P2F P6F P8M	3
1.1.5. Personificação	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos à entrada na conta da vítima	“entraram na conta dela” (P7F)	P7F	1	“já entraram na conta de uma amiga minha” (P2F)	P2F P9M	3
1.1.6. Ciberperseguição	Refere-se a discursos dos adolescentes relativos ao envio repetido de mensagens que provocam medo e insegurança na vítima				“receber mensagens que ela não quer” (P9M)	P9M	1
<b>1.2. Impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas vítimas</b>	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao impacto negativo emocional da vítima perante uma situação de <i>cyberbullying</i>	“eles conseguem fazer mal às outras pessoas, afetando a parte psicológica e também emocional” (P1F), “Fere os sentimentos da outra, pela internet” (P3F)	P1F P3F P4M P7F	15	“Gozar e julgar as pessoas” (P6F)	P2F P6F P8M P9M	6

<b>1.3. Impacto negativo ao nível emocional e psicológico nas testemunhas</b>	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao impacto negativo emocional da testemunha perante uma situação de <i>cyberbullying</i>	“eu senti-me frustrada com a atitude das duas” (P1F)	P1F P4M	2	“isto é algo negativo e que deveria de ser parado”	P9M	1
<b>1.4. Impacto positivo ao nível emocional e psicológico nos agressores</b>	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao impacto positivo emocional dos agressores perante uma situação de <i>cyberbullying</i>	“fazermos mal a uma pessoa por diversão” (P4M)	P4M	1			
<b>2. Tipos de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas quando testemunham situações de <i>cyberbullying</i></b>	Codifica discursos dos adolescentes referentes aos tipos de envolvimento e respetivas estratégias utilizadas quando testemunham situações de <i>cyberbullying</i>						
<b>2.1. Envolvimento Ativo</b>							
2.1.1. Falar com a vítima	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos das testemunhas falarem com a vítima envolvida, a ajuda-la numa situação de <i>cyberbullying</i>	“falaria com ela, tentar entender quem tinha acesso à foto” (P7F)	P1F P7F	3	“tentava falar com ela” (P6F)	P6F	1
2.1.2. Falar com o agressor	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos a falarem com o agressor envolvido numa situação de <i>cyberbullying</i>	“disse que não devia de fazer aquilo” (P1F)	P1F	2	“e falar com quem estava por trás disto tudo” (P6F)	P6F	1
2.1.3. Encontrar o <i>bully</i>	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos à procura do <i>bully</i> que ocorreria numa situação de <i>cyberbullying</i>	“fui tentar descobrir quem foi” (P7F)	P7F	1	“tentar descobrir quem estava por trás daquilo” (P9M)	P9M	1
2.1.4. Falar com as testemunhas	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos a falarem com as outras testemunhas presentes nessa situação de <i>cyberbullying</i>				“tentava ajudá-la a falar com as outras pessoas no sentido de desmentir o que viram” (P8M)	P8M	1
2.1.5. Denunciar nas redes sociais	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos das testemunhas que denunciaram uma situação de <i>cyberbullying</i>	“se visse que a notícia era falsa, eu poderia denunciar” (P1F)	P1F	1			
2.1.6. Pedir ajuda a adultos de referência	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos das testemunhas que pediram a				“podia falar com alguém mais entendido, mais velho” (P6F)	P6F	1

	ajuda de outros adultos numa situação de <i>cyberbullying</i>						
<b>2.2. Envolvimento Ambivalente</b>							
2.2.1 Sem grau de proximidade com a vítima							
2.2.1.1. Não fazer nada	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos a não fazerem nada numa situação de <i>cyberbullying</i>	“passei à frente” (P3F)	P3F P4M	2	“não tinha como fazer alguma coisa”	P2F	1
2.2.2. Com grau de proximidade com a vítima							
2.2.2.1. Falar com a vítima	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos das testemunhas falarem com a vítima envolvida, a ajudar, a avisar numa situação de <i>cyberbullying</i>	“ia avisar a pessoa que foi agredida” (P3F)	P3F P4M	3	“tentava ajuda-la, a dar ideias de como ela poderia recuperar a conta” (P2F)	P2F	1
2.2.2.2. Pedir ajuda a adultos de referência	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos das testemunhas que pediriam a ajuda de outros adultos numa situação de <i>cyberbullying</i>	“contactar quem o pudesse ajudar nisso, pedir ajuda aos mais velhos” (P4M)	P4M	2	“teria de pedir ajuda aos pais” (P2F)	P2F	2
2.2.2.3. Denunciar nas redes sociais	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos das testemunhas que denunciaram uma situação de <i>cyberbullying</i>	“denunciar a publicação” (P3F)	P3F	1	“reportava a situação ao Instagram” (P2F)	P2F	1
2.2.2.4. Falar com o agressor	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos a falarem com o agressor envolvido numa situação de <i>cyberbullying</i>	“ia pedir à pessoa para tirar aquilo” (P3F)	P3F	1			
<b>2.3. Envolvimento passivo</b>							
2.3.1. Bystander	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos a a sua envolvimento passiva numa situação de <i>cyberbullying</i>	“eu vi mas como ela merecia..” (P5F)	P5F	1			
<b>2.4. Motivos que levaram a ter determinado envolvimento</b>							
2.4.1. Envolvimento ativo							
2.4.1.1. Valores morais	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao envolvimento das testemunhas por se tratar de uma situação de “não estar correto”	“Não estar correto” (P1F)	P1F P7F	2	“isto é algo negativo e que deveria de ser parado” (P9M)	P6F P8M P9M	3

2.4.1.2. Importância de aceitação das diferenças	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao envolvimento das testemunhas por se tratar de uma situação em que é importante a aceitação das diferenças	“Se elas aceitassem as diferenças uma da outra aquilo não acontecia” (P1F)	P1F	3			
2.4.2. Envolvimento ambivalente							
2.4.2.1. Sem grau de proximidade com a vítima							
2.4.2.1.1. Desvalorização	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao envolvimento das testemunhas por se tratar de uma situação desvalorizada	“foi mal para a pessoa, mas não era comigo” (P3F)	P3F P4M	2			
2.4.2.1.2. Não saber o que fazer	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao envolvimento das testemunhas por não saberem o que fazer	“não sabia o que fazer” (P3F)	P3F	2	“não sei o que conseguiria fazer” (P2F)	P2F	1
2.4.2.2. Com grau de proximidade com a vítima							
2.4.2.2.1. Valores morais	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao envolvimento das testemunhas por se tratar de uma situação de “não estar correto”	“eu acho isso muito mau” (P4M)	P4M	1	“está errado” (P2F)	P2F	1
2.4.3. Envolvimento passivo							
2.4.3.1. Justiça	Refere-se aos discursos dos adolescentes relativos ao envolvimento das testemunhas por ser justo	“ela provocou as pessoas então teve o que merecia” (P5F)	P5F	1			